

2007), se constitui também um mecanismo opressor das identidades de gênero que subvertem a heteronormatividade compulsória e lócus de elaboração de saberes sob a aceitação da orientação sexual. Bem como, funciona como um mecanismo coercitivo, que tenta enquadrar o sujeito ao dispositivo binário de gênero imposto ao nascer (LANZ, 2015).

Sendo assim, vale salientar que na vida, mais cedo ou mais tarde, a questão relativa ao assumir a identidade de gênero ou orientação sexual dissidente da heteronormatividade compulsória, virá à tona por aqueles que no armário gay habitam. Isso exigirá das pessoas que vivem nesse enclave subjetivo, “convergência de desejos, de sentimentos, de práticas e de consciência” (CASTAÑEDA, 2007, p. 52), que culminará na aceitação e revelação da sexualidade, isto é, na saída do armário.

Enquanto isso não se consolida, ou seja, a pessoa não se aceitar em decorrência dos atos preconceituosos e discriminatórios, seja do meio familiar ou social, que o conduz a negar veementemente suas vivências de sexualidade, diremos que ela está em processo de saída do armário. Nesse momento, existirá um tipo de negociação entre a abertura e o fechamento provisório desse dispositivo que permitirá a pessoa vivenciar experiências sexuais em segredo, e retornar posteriormente a elas, para o dispositivo (SILVA, 2016).

Continuando por essa perspectiva, o armário gay, como ambiente de negação, legitima as concepções heteronormativas, pois em muitos momentos as pessoas que estão no armário se abstém de praticar ou vivenciar seus desejos sexuais, por medo de represálias, violência, serem expulsos de casa, entre outros fatores. O que de acordo com Castañeda (2007), internalizar um sentimento de culpa ou inferioridade, além de incapacitar laços sociais necessários para a vida em sociedade.

Portanto, as pessoas que estão no armário, lidam como inúmeros desafios, inclusive sofrimentos psíquicos, ambivalências, preconceito, discriminação, angústia, etc., advindas tanto do meio social, como familiar ou até mesmo intrapsíquico devido a LGTBfobia, da qual são vítimas diariamente na escola, na rua, em casa, enfim, na grande maioria dos espaços de convivência.

É justamente, pensando nessas questões que permeiam as relações que são estabelecidas nesse dispositivo, o armário gay, que apresentamos os resultados de uma revisão sistemática de literatura que discute a temática a partir de 11 artigos científicos localizados em duas bases de indexações bibliográficas de renome no Brasil e que possivelmente irá auxiliar pesquisadores no delineamento de novos estudos científicos acerca do armário gay e seus processos.

Metodologia

O exercício da Revisão Sistemática de Literatura teve dois vieses nesse estudo. O primeiro consistiu em apresentar uma discussão sobre a temática do armário gay e o segundo, exercitar o trabalho de revisão, modalidade de pesquisa que pode ser definida como, um conjunto de informações acerca de um dado tema, na qual a integração de tais referências entre os campos dos saberes pode ser útil e apresentar pontos de vista conflitantes e coincidentes que auxiliem o pesquisador em investigações futuras (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

Assim, a presente revisão que realizamos, buscou discutir o tema do armário gay em artigos científicos brasileiros referenciados entre 2005 e 2019, pertencentes às bases de dados eletrônicas bibliográficas da Scientific Electronic Library Online – SciELO e Biblioteca Virtual de Saúde do Brasil – BVS/Brasil, e localizados a partir do descritor “armário gay”.

A busca por artigos se deu do seguinte modo: Ao acessar as bases de indexações bibliográficas da SciELO – que dispõe de um agrupamento de periódicos científicos de notabilidade no Brasil e é consequência de um projeto da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em colaboração com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde; e da BVS/Brasil –, a qual reúne uma gama de dados e informações oriundas da BVS Temáticas Nacionais que possui alto grau de credibilidade e rigor metodológico em seus periódicos, localizamos um quantitativo de 35 artigos, sendo 17 no SciELO e 18 na BVS/Brasil.

Após a exclusão das indexações repetidas, outras modalidades de publicações que não refletiam o objetivo do presente estudo (teses e dissertações) e publicados em língua inglesa e/ou espanhola, obtivemos um quantitativo de 22 artigos, todos escritos em Língua Portuguesa e publicados em periódicos brasileiros.

Estes, por sua vez, após terem sido realizado *downloads* (descargas), das plataformas da SciELO e BVS/Brasil em Formato Portátil de Documento – PDF, foram transferidos para duas pastas de arquivos distintas situadas na área de trabalho no computador, onde, posteriormente passaram por uma criteriosa verificação às cegas realizada por dois pesquisadores.

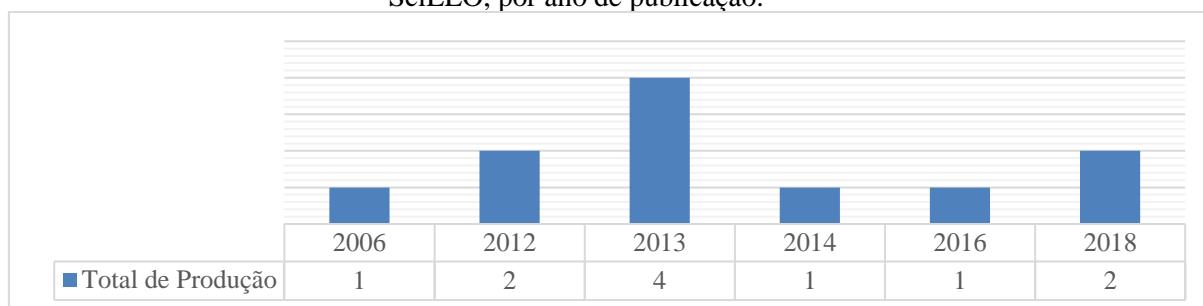
No processo de averiguação pelos pesquisadores, estes classificaram os artigos pertinentes à revisão sistemática por meio da leitura de todos os títulos e resumos; e, quando tais critérios eram insuficientes para identificar se tais trabalhos estavam

condizentes com o objetivo da pesquisa, realizava-se a leitura do mesmo na íntegra. Ao fim da averiguação, obtivesse o quantitativo de 11 artigos, dos quais, subsequentemente foram analisados levando em consideração as conclusões, ano de publicação, região do país pesquisada e publicada, área do conhecimento e atores pesquisados. A seguir se tece a discussão e apresenta-se os seguintes resultados.

Resultados e discussões

O primeiro trata em que nos deteremos nesse trabalho, se relaciona com o quantitativo de publicações científicas por ano que permite-nos vislumbrar referências desde o surgimento da temática do armário gay nas pesquisas até suas oscilações na escala de produção de estudos científicos e realizar alguns apontamentos relevantes. A seguir apresenta-se graficamente tais dados:

Gráfico 1: Quantitativo de trabalhos com o termo “armário gay”, encontrados na BVS/Brasil e SciELO, por ano de publicação.



Fonte: Elaboração própria, 2019.

O gráfico acima possibilitou constatar que em 2013 houve um aumento considerável no desenvolvimento de estudos a respeito do armário gay, sendo de 50% com relação aos anos 2012 e 2018 respectivamente, e 75% quanto aos demais.

Contudo, estes estudos ainda são escassos se levarmos em consideração a produção científico-brasileira referente a outros temas pertinentes ao gênero e mesmo à sexualidade, sendo necessário delinear novas pesquisas, no intuito de compreender e difundir informações mais precisas acerca dos desafios, experiências, possibilidades de enfrentamento, expressões das vivências de sexualidade e do gênero, por aqueles que, no armário habitam e o tem enquanto *presença formadora*².

Igualmente, suscitar o desenvolvimento científico gradual e constante quanto à temática do armário no decorrer dos anos, possibilitando ao contexto sociopolítico,

² Termo trazido na literatura da SEDGWICW (2007) para se referir às pessoas que têm o armário com elemento característico na vida.

explicações científicas que sejam capazes de oportunizar reflexões críticas fundamentadas teórico-metodologicamente em evidências fidedignas que venham auxiliar na elaboração de políticas públicas, além de resultados congruentes, relativos a esse dispositivo das sexualidades dissidentes à heteronormatividade compulsória, passíveis de colaborar para a construção social de modo equânime, propiciando esclarecimentos pertinentes que possam vir auxiliar as pessoas no armário, na administração de conflitos pessoais, interpessoais e em relação à sociedade onde vivem.

Visto a imprescindibilidade das redes consistentes de suporte sócio-familiares e entre amigos para as pessoas que estão em processo de saída do armário devido à homofobia, na qual, corroborando com Murasaki e Galheigo (2016), podem tornar mais reflexivo o processo de assumir-se homossexual em decorrência das manifestações de solidariedade dos amigos e da aceitação/acolhimento por parte dos familiares.

Não obstante, na inexistente de tais redes, o contexto familiar poderá ser um espaço gerador e reprodutor de violências em detrimento da heteronormatividade que irá potencializar vulnerabilidades já existentes nos adolescentes ou jovens durante o processo da saída do armário (BRAGA et al., 2018). Nesses casos, algumas reações persecutórias, repressivas no que tange às vivências homoeróticas, discriminatórias e preconceituosas poderão ser desencadeadas por parte dos familiares para com as pessoas em processo de saída do armário, conduzindo-as a possíveis adoecimentos psíquicos, inclusive que podem culminar em tentativas de suicídio ou até a consumação do ato suicida. Na tentativa de compreender esse fenômeno precisa-se levar em consideração o luto dos pais pela perda do filho heterossexual (idealizado), além de elementos interseccionais como, religião, nível de escolaridade, idade, raça (TEIXEIRA et al., 2012); e também toda a construção de subjetividade, história de vida, elementos sócio-históricos, culturais e psicossociais dessa pessoa que está saindo do armário.

Nessas situações, projetos sociais poderiam ser desenvolvidos por órgãos governamentais, objetivando oportunizar espaços para a re(des)construção da heteronormatividade compulsória por parte dos familiares e da sociedade – tarefa em longo prazo, árdua e inviável na atual conjuntura política brasileira. Ademais, a inserção das discussões sobre diversidade sexual em suas múltiplas vias na agenda da Educação, Assistência Social, Cultura, Saúde e no mundo do Trabalho, também colaborariam efetivamente para tal (MURASAKI; GALHEIGO, 2016).

Quanto aos casos de adoecimentos psíquicos, a psicoterapia pode ser um entre tantos outros recursos disponíveis pela psicologia, enquanto ciência e profissão, para lidar

com os conflitos emocionais e demais sofrimentos psíquicos que trazem danos relativos à saúde mental das pessoas que estão saindo do armário. Contudo, vale salientar que o exercício profissional da(o) psicóloga(o), não pode favorecer a patologização dos comportamentos ou práticas homoeróticas, nem se quer adotar medidas coercitivas na tentativa de reorientar sexualmente as pessoas homossexuais, ou propor tratamentos objetivando a cura da homossexualidade (CFP, 1999), tão pouco promover ações, utilizar instrumentos ou técnicas psicológicas que possam favorecer o preconceito e discriminação das pessoas travestis ou transexuais (CFP, 2018), visto que, não se pode curar aquilo que não se constitui desvio ou doença. Além do mais, tais intervenções fomentariam sofrimentos e violências para esse público, indo na contramão do compromisso ético-político e profissional do psicólogo.

Percebe-se que as produções começam a sinalizar algumas das questões que devemos nos debruçar futuramente, ao passo que disponibilizam informações essencialmente fundamentais que podem nortear nossas frentes de ações. Em razão disso, objetivando agregar ainda mais significâncias à discussão, olhamos agora para a produção localizada por área do conhecimento, cuja análise dá-se do seguinte modo:

Tabela 1: Quantitativo de trabalhos com o termo “armário gay”, encontrados na BVS/Brasil e SciELO, por área de publicação.

ÁREA	QUANTITATIVO	CAMPO
Administração	01	Ciências Sociais Aplicadas – CSA
Antropologia	01	Ciências Humanas – CH
Educação	02	Ciências Humanas – CH
Enfermagem	01	Ciências da Saúde – CS
Psicologia	04	Ciências Humanas – CH
Sociologia	01	Ciências Humanas – CH
Terapia Ocupacional	01	Ciências da Saúde – CS
TOTAL	11	CSA = 01 / CH = 08 / CS = 02

Fonte: Elaboração própria.

Apesar do maior quantitativo de trabalhos descritos na tabela acima pertencerem às Ciências Humanas, ou seja, as áreas do conhecimento que se comprometem com as demandas de vida em sociedade, processos de sociabilidades, valores culturais, fenômenos psicológicos, de ensino-aprendizagem, costumes individuais e das coletividades, etc., outro campo do saber, as Ciências Sociais Aplicadas, especificamente a administração, nos despertou grande atenção por empenhar-se no entendimento da relação existente entre a saída do armário e as mudanças nos hábitos de consumo – chegando a inferir que os gays, da cidade do Rio de Janeiro – que detém auto poder

aquisitivo –, interagem como produtos e marcas no decorrer da construção de suas identidades, utilizando-os como estratégias de camuflagem, negociação e reforçamento identitário (PEREIRA; AYROSA; OJIMA, 2006).

Porém, nesse estudo existem limites metodológicos que não nos permite generalizar tais considerações, já que foram tecidas a partir de um contexto social específico. Cabe salientar que essas considerações são extremamente úteis para tecer hipóteses de pesquisa, em investigações futuras. Desse modo, se faz necessário pensar, entre tantas questões, como esses gays interagem com marcas e produtos a partir da temática do armário gay em outros contextos socioeconômicos e ter especial atenção nas questões ético-racial, nível de escolaridade, religião e território (urbano, rural, bairros etc.), no sentido de que estas variantes certamente provocarão inferência na forma que as pessoas saem do armário, se mantém nele ou transitam por esse dispositivo e, conseqüentemente, interagem com o mercado de consumo durante a construção de sua identidade de gênero e orientação sexual.

Por outro lado, o campo das Ciências da Saúde, através do estudo desenvolvido na área de enfermagem, teceu considerações de suma importância, ao analisar as experiências de jovens gays e lésbicas no momento da saída do armário e da revelação da orientação sexual para seus familiares, das quais se destacaram a imprescindibilidade de práticas de saúde voltadas ao cuidado/acolhimento aos jovens, bem como, oportunizou argumentações propícias que servirão para problematizar as linhas de atenção à saúde, através da Política Nacional de Saúde Integral das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais³ (BRAGA et al., 2018).

O que nos convida a refletir acerca da falta de sensibilidade, desqualificação, preconceito e discriminação por parte de muitos profissionais de saúde na oferta de atendimento humanizado para as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT, o que se constitui um desrespeito e violação dos direitos humanos e contribui não só para o processo de exclusão e marginalização dessa população, mas também para a propagação da Lgbtfobia⁴.

³ A Política Nacional de Saúde LGBT objetiva colaborar para a redução da discriminação e preconceitos institucionais, sendo um disparador de cuidado e acolhimento para a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais de modo a consolidar de um Sistema Único de Saúde equitativo, universal e integral. Conferir, Brasil (2013).

⁴ Termo utilizado para conceituar o preconceito e a discriminação contra as pessoas que possuem orientação sexual divergente à heterossexual (COSTA; NARDI, 2015).

A pesquisa desenvolvida na área da Terapia Ocupacional concluiu, entre outras questões, a necessidade de produções teórico-metodológicas sobre as demandas das pessoas em processo de saída do armário (MURASAKI; GALHEIGO, 2016). O intuito de tal produção científica teria por finalidade possibilitar subsídios técnicos para o exercício profissional dos Terapeutas Ocupacionais, que atualmente apresentam muitas dificuldades na lida com as questões emocionais e afetivas das pessoas em processo de aceitação de sua orientação sexual.

Já nos dois trabalhos da área da Educação e um da Sociologia existe uma discussão tecida de forma coincidente entre eles, em que o armário é ampliado em decorrência da rede de internet (ZAGO, 2013; 2013a; MISKOLCI, 2013). A ampliação desse dispositivo, o armário gay, termo cunhado por Sedgwick⁵, possibilitou um espaço de sociabilidade e relacionamento online para essas pessoas que há décadas atrás não existia (ZAGO, 2013; 2013a). Essa concepção surge a partir dos estudos etnográficos do Miskolci (2009) que, entre outras questões, evidência que a internet também se tornou espaço de expressão de sentimentos, angustias e troca de experiências traumáticas e afetivas, para as pessoas em processo de saída do armário.

O que exigirá dos pesquisadores que se interessem pela temática, elaborar recursos metodológicos no intuito de entender as novas normatividades de gênero e de sexualidade que foram criadas a partir das relações e relacionamentos virtuais contemporâneas. Algo que Miskolci (2017), tem se debruçado nos últimos anos, a partir da etnografia virtual.

Adentrando no campo das Ciências Humanas, esbarramos com a psicologia, enquanto ciência e profissão. Com base na tabela 1, essa área do conhecimento apresenta o maior quantitativo de trabalhos.

Suas pesquisas volta-se para a discussão da homossexualidade e armário gay em telenovela, pensando o quão a mídia pode influenciar positivamente a opinião pública ou cristalizar visões sobre a homossexualidade (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2012); discute os impactos da homofobia familiar frente ao armário gay, na qual se constata que as famílias ainda vivem fortemente as normatividades do dispositivo da sexualidade instituído no século XIX, inclusive de modo a manter a heteronormatividade compulsória (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013); se debruça em distintas trajetórias afetivas e sexuais entre jovens que mantêm práticas homoeróticas ou não, no intuito de perceber

⁵ Em “Epistemology of the Closet. In: ABELOVE, Henry et alli. The lesbian and gay studies reader”. New York/London, Routledge, 1993:45-61. [Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Richard Miskolci e Júlio Assis Simões].

como o discurso e as práticas homofóbicas interferem no processo de saída do armário, chegando a considerar que, para além das questões da homofobia, é preciso entender outros elementos, como a história de vida, eventos pessoais, relação entre filhos, pais e familiares, já que todas estas viriam a influenciar a relação que a pessoa estabelecerá com o armário gay (TEIXEIRA et al, 2012). Por fim, investiga os mecanismos que as empresas utilizam para moldar os comportamentos das pessoas homossexuais, de modo a estabelecer um padrão de comportamento heteronormativo que venha a favorecer os ideais e objetivos da organização empresarial (ROHM; POMPEU, 2014); estabelecendo-se, assim, uma relação de desrespeito às subjetividades destes empregados, negação da orientação afetivo-sexual no mundo do trabalho e violação de direitos humanos fundamentais dessas pessoas. Cabe salientar que não estamos conjecturando que todas as empresas tendem ou executam esse tipo de padronização, mas que em algumas, relações desse cunho são estabelecidas veementemente.

Quanto a esses trabalhos (da psicologia), vale ressaltar ainda, que eles se distanciam da discussão psicanalítica e da psicologia clínica, que, possivelmente, pensaria as questões das pessoas em processo de saída do armário de modo psicodinâmico e trariam outras colaborações essencialmente fundamentais para a compreensão do funcionamento psíquico e modos de subjetivação dessas pessoas. Tais como, o entendimento psicodinâmico⁶ entre as instâncias psíquicas (Id, Ego e Superego) e os mecanismos de defesa do Ego⁷ – que possibilitariam modos de intervenções psicoterapêuticas direcionadas ao Insight⁸ e reflexões mais profundas quanto os traumas, sofrimentos psíquicos e expressões simbólicas do inconsciente, desencadeadas em decorrência da LGBTfobia, que se manifestam na consciência do indivíduo na qualidade de chistes, atos falhos, sonhos, sintomas, adoecimentos etc., e não são percebidos pelo

⁶ Compreensão acerca do psiquismo humano de modo dinâmico e direcionado ao *Insight*, devidamente fundamentada nas teorias psicanalíticas e que compreende os sintomas manifestos como uma comunicação dos eventos subjacentes ocorridos no inconsciente que clamam por elaboração e resolução dos conflitos intrapsíquicos (GORGATI; HOLCBERG; OLIVEIRA, 2002).

⁷ Os mecanismos de defesa do Ego é um conjunto de operações defensivas que são realizadas com a finalidade de mediar os perigos advindos do Id (inconsciente), da realidade externa e do superego proporcionando ajustamento e equilíbrio para a personalidade (CHVATAL; BÖTTCHER-LUIZ; TURATO, 2009).

⁸ A psicoterapia direcionada ao *Insight* provoca mudanças no paciente através das interpretações realizadas pelo terapeuta, a partir da técnica da Associação Livre. O intuito é justamente tornar consciente no paciente os desejos, impulsos e fantasias inconscientes que estão provocando sofrimentos psíquicos (CORDIOLI, 2008). Já o termo *Insight* nesse trabalho é compreendido em conformidade com Köhler (1968 [1947], p. 195), como “[...] à dinâmica experimentada nos campos emocional e de motivação[...]”.

indivíduo enquanto questões de ordem inconsciente que interferem nas suas relações pessoais, interpessoais e com a sociedade.

Outro fator digno de nota, é que em nenhum deles se tece ponderações acerca de como as modalidades de psicoterapias⁹, realizadas pelos psicólogos, poderiam ser uma alternativa de enfrentamento mediante os conflitos, angústias, traumas emocionais e sofrimentos psíquicos das pessoas que saíram do armário¹⁰ ou que estão saindo, até mesmo para os pais e familiares que também vivenciam seus lutos e conflitos.

Corroborando com o exposto, Oliveira (2016), afirma que seria ideal que pais e filhos frequentassem o psicólogo e expressassem todos os seus sentimentos acumulados, inclusive raiva e mágoa a respeito da orientação sexual e das relações estabelecidas antes, durante ou depois da revelação (sair do armário), e assim, fossem ressignificando os traumas emocionais, aprendendo a lidar com a questão de maneira mais compreensiva e acolhedora, e vislumbrar as orientações sexuais ditas como divergentes, como normais. Logo que tais orientações não se constituem doenças nem desvio comportamental (CFP, 1999; 2018).

Dando prosseguimento à discussão, é pertinente nesse momento voltar-se para a produção de artigos por região do país, dado que, nem sempre os locais onde foram desenvolvidas tais pesquisas vieram a ser publicadas, ou até mesmo em algumas regiões essa temática pode nem ter sido ainda estudada. As tabelas 2 e 3 retratam essa questão.

Tabela 2: Quantitativo de trabalhos com o termo “armário gay”, encontrados na BVS/Brasil e SciELO, por região do Brasil publicada.

Região de Publicação	Estado	Quantitativo
Centro-Oeste	Goiás – 02	02
Nordeste	–	00
Norte	–	00
Sudeste	São Paulo – 02	06
	Rio de Janeiro – 04	
Sul	Santa Catarina – 02	03
	Rio Grande do Sul – 01	
Total		11

Fonte: Elaboração própria.

⁹ Compreende-se por psicoterapias um conjunto de técnicas e instrumentos fidedignos, embasados teórico-metodologicamente em evidências científicas e testadas quando sua efetividade e aplicabilidade. As mais conhecidas são: a psicoterapia de grupo; terapia interpessoal; terapia comportamental; terapia cognitiva; terapia familiar; psicoterapia de orientação analítica; psicoterapia de apoio (CORDIOLI, 2008).

¹⁰ O termo: “saíram o armário”, nesse estudo é compreendido, consonante com o exposto por Castañeda (2007) acerca da aceitação de si enquanto homossexual, que é um processo que exige desse sujeito: “convergência de desejos, de sentimentos, de práticas e de consciência, [...] (p. 52); que culminam na aceitação e revelação da orientação afetivo-sexual. Mais, também se pensa essa terminologia para além da definição do Castañeda (2007), no intuito de agregar nesses processos de “consciência de si” outras orientações afetivo-sexuais e identidades de gênero.

Tabela 3: Quantitativo de trabalhos com o termo “armário gay”, encontrados na BVS/Brasil e SciELO, por região do Brasil pesquisada.

Região de Publicação	Estado	Quantitativo
Centro-Oeste	–	00
Nordeste	–	00
Norte	–	00
Sudeste	São Paulo – 05	07
	Rio de Janeiro – 02	
Sul	–	00
		4*
Total		11

Fonte: Elaboração própria.

* Trabalhos desenvolvidos com dados coletados na internet (sites de relacionamento e reportagens), não havendo informação concreta quanto à região do país pesquisada.

Com base nas tabelas acima podemos assinalar com precisão, por região pesquisada, que só o Sudeste apresenta quantitativo de trabalhos, 7 para ser mais específico. E, ao verificar essa por região publicada, constata-se apenas 6 produções.

Desse modo, percebe-se uma concentração de artigos científicos sobre a temática do armário gay nesse território, algo que já era esperado em decorrência da quantidade de Universidades, Institutos Federais e faculdades, públicas e privadas; além das fontes de fomento à pesquisa e do maior quantitativo de pessoas com título de doutorado do país, chegando a 63.007 mil doutores em 2016, segundo dados do *Painel Lattes*¹¹. Atualmente esse dado certamente já sofreu alteração e, se levarmos em consideração as titulações de mestres e demais pesquisadores, esse quantitativo aumentará drasticamente.

O intuito de ter sinalizado tal questão é justamente para refletirmos acerca das vivências de gênero e da sexualidade que se entrelaçam com as questões do armário gay a partir de outras realidades territoriais, que exigirão dos pesquisadores dessa temática, investigá-las em suas regiões ou em outras.

Por mais que as considerações tecidas sobre o armário gay na região Sudeste, possam de algum modo retratar ou refletir um fragmento da realizada existente em outras regiões do país, como por exemplo, nas questões relativas aos impactos da moralidade cristã e do machismo arraigado que se manifestam através das práticas sociais e discursivas, essas jamais poderão explicar a realidade aproximada desses locais, apenas sendo passível conjecturar sobre fragmentos; dado que, cada qual, forja a partir de

¹¹ As informações contidas no *Painel Lattes* oferecem dados de qualidade e atualizados sobre pesquisadores de todas as áreas da ciência através de informações extraídas do *Currículo Lattes*. O recorte apresentado nesse estudo refere-se ao quantitativo de doutores na região Sudeste, e podem ser confirmadas por meio do hiperlink <http://estatico.cnpq.br/painelLattes/mapa/>. Para mais informações, conferir referência (PAINEL LATTES, 2016).

elementos culturais, históricos, biopsicossociais e interseccionais (como classe econômica, gênero, sexo, etnia, etc.), presentes no território, suas próprias variantes que inferirão veementemente nas experiências, vivências e relações que serão estabelecidas entre as pessoas que têm o armário gay enquanto *presença formadora* e a sociedade. Além do mais, é preciso também levar em consideração as relações psicodinâmicas que são tecidas a partir da própria pessoa para consigo e para com o contexto social nesse processo.

Assim, se faz necessário o desenvolvimento de estudos sobre o armário gay em outras regiões do país, inclusive no eixo Norte-Nordeste que não apresentou nenhum trabalho por área pesquisada nem publicada; mediante tal situação cabe destacar que não descartamos a possibilidade de outros estudos tenham sido desenvolvidos e publicados em periódicos científicos que não sejam indexados aos bancos de dados da SciELO ou BVS/Brasil.

Esse eixo, certamente pode despertar grande curiosidade em pesquisadores com relação à temática do armário, inclusive no Sertão Nordeste onde aconteceu nos últimos anos a interiorização do saber das capitais, através de universidades e faculdades que colaboram consideravelmente para a (re)(des)construção das informações preconceituosas e estigmatizantes, mesmo que a passos lentos, acerca das orientações afetivo-sexuais e relações das gênero e sexualidade. É importante salientar que ainda não existe uma tendência de estudo específico sobre orientação sexual própria para pessoas LGBT nas faculdades sertanejas, uma vez que essa temática ainda é desconhecida da grande massa estudantil e enfrenta os problemas já mencionados de tradicionalização, preconceito e outras formas de interpretação acerca da homossexualidade. Todavia, pequenos passos já estão sendo vistos, mais especificamente por parte de pessoas e menos como política de educação e/ou de Estado ou governos.

Por outro lado, núcleos e grupos de pesquisa que abordam essa questão, têm desenvolvido estudos, pesquisas e projetos de extensão muito interessantes. A título de exemplo, podemos citar o Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde (DADÁ) da Universidade Federal Rural de Pernambuco / Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST) que desenvolve trabalhos extremamente importante no território do Sertão do Pajeú, como é o caso do I Congresso DADÁ de Estudos de Gênero¹², pesquisa sobre mulheres rurais e o uso do tempo (SIEBER; MORAES; PONTES, 2018) e da colaboração para a implementação da Política Nacional de Saúde

¹² Para mais informações acessar: <https://www.even3.com.br/codeguast/>.

Integral LGBT no território da XI Gerência Regional de Saúde de Pernambuco (SILVA, 2018).

Por fim, como último trato da presente revisão, apontamos a partir dos atores pesquisados nesses trabalhos, a polissemia que o termo “armário gay” abarcou, ou seja, ele não retrata apenas as vivências das pessoas gays, como comumente muitas pessoas pensam, mas sim, de pessoas gays e lésbicas, além das identidades de gênero e orientações afetivo-sexuais dissidentes à heteronormatividade compulsória que tem o armário enquanto *presença formadora*, como podemos constatar na tabela 4; fornecendo assim, uma informação extremamente importante, à qual nos debruçaremos no próximo artigo.

Tabela 4: Quantitativo de trabalhos com o termo “armário gay”, encontrados na BVS/Brasil e Scielo, por atores pesquisados.

Atores	Quantitativo
Adolescentes/jovens gays e lésbicas	01
Estudantes do Ensino Médio que mantém práticas homoeróticas	01
Gays	01
Gays e lésbicas	01
Homens gays em sites de relacionamento	02
Jovens gays e lésbicas	01
Machos e Brothes em sala de bate-papo gay	01
Mulheres dissidentes	01
Personagens gays em telenovela	01
Reportagens de esportistas olímpicos que saíram do armário e diário de campo	01
Total	11

Fonte: Elaboração própria.

Conclusão

Conclui-se que o armário gay é uma temática polissêmica, fato constatado através dos atores pesquisados nos estudos que comporão a presente revisão, que não apenas aborda considerações acerca das pessoas gays, mas, reflete e tece ponderações sobre outras identidades de gênero e orientação sexuais, inclusive dissidentes da heteronormatividade compulsória.

Há necessidade do delineamento de novas pesquisas e estudos sobre a temática, que venham refletir os comentários aqui apresentados e que estes possam servir de recursos consultivos em algum momento do processo de elaboração de futuros estudos por pesquisadores, inclusive de modo a considerar os elementos interseccionais, como recortes ético-raciais, sexo, gênero, território, cultura, relações sócio-históricas etc., que interferem nas experiências, vivências e relações que a pessoa estabelecerá com o armário gay em sua vida.

Além do mais, vale ressaltar que esse dispositivo (o armário) se encontra em ampliação devido à rede de internet. Forjando, a partir de tal fato, novas normatividades de gênero e da sexualidade que necessitam ser expandidas, possibilitando assim uma compreensão aproximada e científica dessa realidade.

Tem-se também como imprescindível, a constituição da rede de apoio sócio-familiar e entre amigos para as pessoas que habitam o armário em decorrência da homofobia. O que viria possibilitar uma alternativa extremamente importante para o enfrentamento das angústias e sofrimentos, uma vez que que essa rede proporcionaria processos de cuidado e acolhimento às pessoas que estão em processo de saída do armário.

Finalmente, prescinde uma difusão de informações no tocante às experiências de enfrentamento, vivenciadas pelas pessoas que têm o armário enquanto *presenta formadora*, visto que elas podem fazer a diferença da vida daqueles que não dispõem de tais informações, tanto para a relação com a sociedade onde vive, quanto para a própria relação pessoal, na aceitação e na administração dos conflitos que as cercam.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Iara Falleiros et al. **Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo**. Revista Brasileira de Enfermagem, [s.l.], v. 71, n. 3, p. 1220-1227, 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0307>.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa (cartilha). Brasília-DF, 2013.

CASTAÑEDA, Mariana. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CHVATAL, Vera Lúcia Soares; BÖTTCHER-LUIZ, Fátima; TURATO, Egberto Ribeiro. Respostas ao adoecimento: mecanismos de defesa utilizados por mulheres com síndrome de turner e variantes: mecanismos de defesa utilizados por mulheres com síndrome de Turner e variantes. **Archives Of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, [s.l.], v. 36, n. 2, p. 43-47, 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-60832009000200001>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 01, de 19 de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em 24 abr. 2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 01, de 19 de 29 de janeiro de 2018. Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. Disponível em <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-01-2018.pdf>. Acesso em 29 jan. 2018.

CORDIOLI, Aristodes Volpato (org.). *Psicoterapias: Abordagens atuais* [recurso Eletrocnico]. 3ed. – Dados eletrônicos: Porto Alegre, artemed, 2008.

COSTA, Ângelo B.; NARDI, Henrique C.. **Homofobia e preconceito contra diversidade sexual**: debate conceitual. : debate conceitual. *Temas em Psicologia*, [s.l.], v. 23, n. 3, p. 715-726, 2015. Associação Brasileira de Psicologia. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2015.3-15>.

GORGATI, Soraia Bento; HOLCBERG, Alessandra S; OLIVEIRA, Marilene Damaso de. **Abordagem psicodinâmica no tratamento dos transtornos alimentares**. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, [s.l.], v. 24, n. 3, p. 44-48, dez. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462002000700010>.

KÖHLER, Wolfgang. **The Mentality of Apes**. Nova York: Harcourt, Brace & World Inc., 1925.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: A pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das regras de gênero. Uma introdução aos estudos Transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

MISKOLCI, Richard. **Desejos Digitais**: uma análise sociológica por parceiros on-line. São Paulo, Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard. **Machos e Brothers**: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas*, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 301-324, abr. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2013000100016>.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado – notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. *Gênero*. Vol. 9, n. 2, p. 171-190, 2009.

MURASAKI, Aryel Ken; GALHEIGO, Sandra Maria. **Juventude, homossexualidade e diversidade**: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas

corporais. Cadernos de Terapia Ocupacional da Ufscar, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 53-68, 2016. Editora Cubo. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoao0648>.

OLIVEIRA, Sónia Raquel Faria. *Homossexualidade*. Universidade de Coimbra. 2008. Disponível em <<http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2004002.pdf>>. Acesso 25 ago. 2016.

PAINEL LATTES. **Distribuição Geográfica:** total de doutores por região. Disponível em <http://estatico.cnpq.br/painelLattes/mapa/>. Acesso em 23 mai. 2019.

PEREIRA, Bill; AYROSA, Eduardo André Teixeira; OJIMA, Sayuri. **Consumo entre gays:** compreendendo a construção da identidade homossexual através do consumo. Cadernos Ebape.br, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 01-16, jun. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-39512006000200002>.

ROHM, Ricardo Henry Dias; POMPEU, Samira Loreto Edilberto. **A Homofobia como um fator determinante nas práticas discriminatórias para a produção de subjetividades:** um estudo com pessoas homossexuais em empresas do Rio de Janeiro. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 14, n. 30, p. 347-365, ago. 2014.

SAMPAIO, Rosana; MANCINI, Marisa Costa. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 83-89, fev. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-35552007000100013>.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Insensatos afetos:** homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.36, p.50-66, jan./jun. 2012.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, [s.l.], n. 28, p. 19-54, jun. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-83332007000100003>.

_____. Epistemology of the Closet. In: ABELOVE, Henry et alli. **The lesbian and gay studies reader**. New York/London, Routledge, 1993:45-61. [Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Richard Miskolci e Júlio Assis Simões].

SIEBER, Shana Sampaio; MORAES, Lorena Lima de; PONTES, Nicole Louise Macedo Teles de. **“Mulheres rurais e o uso do tempo”**: construindo metodologias e saberes. Boletim Informativo. v 01, n 02, p. 09, dez. 2018. Serra Talhada – PE. ISSN 2595-766X. Disponível em <http://grupodada.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Informativo-DAD%C3%81-volume-01-n.-02.pdf>. Acesso em 11 Jun. 2019.

SILVA, Robson Aparecido da Costa. **“Me sinto muito melhor aqui fora”**: Produção de sentido sobre armário gay para adolescentes. 2016. 84f. Graduação – Faculdade de Ciências da Saúde de Serra Talhada, Serra Talhada – PE, 2016.

_____. **Ações formativas em saúde LGBT**: uma proposta de intervenções para profissionais de saúde da XI Gerência Regional de Saúde de Pernambuco. 2018. 30f. Especialização *lato Sensu* – Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2018.

TEIXEIRA, Fernando Silva et al. Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. : trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s.l.], v. 32, n. 1, p. 16-33, 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932012000100003>.

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva. **Homofobia familiar**: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013.

ZAGO, Luiz Felipe. **"Armários de vidro" e "corpos-sem-cabeça" na biossociabilidade gay online**. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, [s.l.], v. 17, n. 45, p. 419-432, 14 jun. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-32832013005000005>.

_____. **Caça aos homens disponíveis:** corpo, gênero e sexualidade na biossociabilidade gay online: corpo, gênero e sexualidade na biossociabilidade gay online. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (rio de Janeiro), [s.l.], n. 13, p. 83-98, abr. 2013a. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-64872013000100005>.

ARTIGO RECEBIDO EM 21/06/2019

ARTIGO ACEITO EM 15/11/2019